ASSOCIAÇÃO FILATÉLICA E NUMISMÁTICA DE SANTA CATARINA

BOLETIM INFORMATIVO Nº 61

MARÇO DE 2010

ASSOCIAÇÃO FILATÉLICA E NUMISMÁTICA DE SANTA CATARINA

Rua dos Ilhéus, 118 sobreloja 9 - Ed. Jorge Daux
CEP 88.010-560 - Florianópolis - SC
Fone/fax: (48)3222-2748

A **AFSC**, fundada em 6/8/1938, é uma Entidade sem fins lucrativos, reconhecida de Utilidade Pública pela Lei Estadual 542 de 24/09/1951 e pela Lei Municipal 970 de 20/8/1970.

A **AFSC** é filiada à **FEBRAF** - Federação Brasileira de Filatelia
e à **FEFIBRA** - Federação dos Filatelistas do Brasil.

EDITORIAL

Este número do nosso Boletim Santa Catarina Filatélica traz artigos que refletem o interesse do colecionador pela pesquisa de fatos da história da filatelia e da numismática.

A pesquisa é a melhor resposta às dúvidas, principalmente às dos jovens que se lançam no mundo do colecionismo. A pesquisa é atraente sob todos os aspectos e se constitui num dos pilares da renovação que precisamos fazer acontecer nos Clubes e Associações espalhados pelo nosso Brasil. Voltar nossas atenções para os jovens, procurando despertar neles a curiosidade pela história dos selos, cédulas e de tantos outros ítens colecionáveis, certamente nos fará trazer para nossas agremiações novos colecionadores, o que é indispensável para o colecionismo e principalmente para a Filatelia Brasileira.

Ampliar e compartilhar conhecimentos e ideias são sempre bons caminhos para o desenvolvimento de uma atividade. PARTICIPE!

Boa leitura,

A Diretoria

ÍNDICE GERAL

O Meio Circulante no Brasil Holandês (Segunda Parte)

Márcio Rovere Sandoval - Barretos, SP

Damos início à segunda parte desta matéria tratando das moedas emitidas pelos holandeses durante sua permanência no Brasil e, na sequência, dos demais componentes do meio circulante da época.

As primeiras moedas cunhadas no Brasil (1645,1646 e 1654)

Figura 1 - Anverso da moeda de XII florins de ouro, cunhada pelos holandeses no Brasil com ouro proveniente da África. Abaixo do valor temos o monograma da Companhia GWC (Geoctroyeerde Westindische Compagnie). No reverso temos «ANNO BRASIL» seguido da data: 1645 ou 1646. (Museu Histórico Nacional – Rio de Janeiro).
Observação: A denominação mais comum é florim, mas os documentos de época mencionam "ducado".

Os holandeses cunharam, no Brasil, moedas de ouro no valor de III, VI e XII florins (ou ducados), com datas de 1645 e 1646 e moedas de prata no valor de XII *stuivers* (soldos), com data de 1654. A partir da metade do Século XIX, começaram a aparecer falsificações, tanto dos ducados como dos soldos (valores de X, XX, XXX e XXXX).

As características dessas moedas chamam a atenção. Há alguns anos, vimos uma delas no Museu Britânico ao lado de um dobrão de Minas (algo mais representativo para a numismática brasileira?). Faltava, apenas, a Peça da Coroação.

Moeda quadrada ou rombóide. No anverso, sob a cifra romana que exprime o valor, temos as iniciais da Companhia das Índias Ocidentais (GWC) entrelaçadas e, no reverso, a inscrição "ANNO BRASIL", seguida do ano 1645 ou 1646. Alguns autores afirmam que o pequeno losango (depois um ponto e por fim sem nenhuma marca), após a palavra Brasil, é a abreviatura de BRASILIæ, termo em latim para "do Brasil". Outros afirmam que se trata da marca da oficina monetária ou do cunhador.

Essas moedas foram cunhadas em ouro proveniente da Costa da Guiné, território que depois passou a se chamar

Nota do Editor: A primeira parte deste artigo (Boletim SCF nº 60 - agosto de 2009), é também de autoria de Márcio Rovere Sandoval. O crédito foi omitido por falha na edição.

Costa do Ouro e, a partir de 1956, Gana.

As moedas de prata de 1654 são unifaciais, apresentando a cifra romana (XII) e a iniciais da Companhia GWC, seguidas do ano 1654.

Teriam sido os holandeses os primeiros a bater moeda no Brasil? Vejamos o que nos informa *Lupércio Gonçalves Ferreira*, comentando os apontamentos de *Affonso de E. Taunay* e *Solano de Barros*:

> *"O Dr. Affonso de E. Taunay, que foi diretor da Revista Numismática, publicação oficial da Sociedade Numismática Brasileira, escreveu, no quarto número da mesma, em 1933, um artigo intitulado: "As primeiras moedas brasileiras e a primeira Casa da Moeda do Brasil", do qual transcrevemos: "As primeiras moedas brasileiras de que há notícia documental foram de ouro, dizem-no as mais velhas referências numismáticas ao nosso dispor, os "São Vicente", brasileiras, provavelmente fabricadas com o metal de Jaraguá, a bela montanha do planalto paulistano. Quais seriam os cunhos destes "São Vicente"? Ninguém o sabe; não existe hoje uma só peça de nossa numismática que se possa identificar como tal, atribuindo-lhe este nome com alguma segurança". Por outro lado, o renomado numismata que foi Alfredo Solano de Barros, em extenso artigo publicado no Vol. IV dos "Anais do Museu Histórico Nacional (1943), intitulado "O Regimento do Conde de Óbidos Diante da História e da Legislação Monetária", afirma que o que existiu em São Paulo, desde 1644, foi uma "Oficina Monetária", cuja finalidade era marcar barras de ouro ou contramarcar moedas e que "... a primeira Casa Fundada no Brasil, somente teve lugar no Governo de D. Pedro II – Lei de 8 de março de 1694".*
>
> *(...)*
>
> *Solano de Barros, no artigo acima mencionado, escreveu:*
>
> *"... com referência ao numerário dos holandeses no Brasil, período de 1645 e 1646 – podemos assegurar ter sido Recife de Pernambuco o local em que foi batida a primeira moeda de ouro (florim) para circulação nas Capitanias sujeitas ao domínio da Companhia das Índias Ocidentais (sic) Geoctroyeerde Westindische Compagnie". As primeiras moedas cunhadas no Brasil foram, portando, sem nenhuma dúvida, as obsidionais holandesas, nos anos de 1645, 1646 e 1654. (**in**:* As Primeiras Moedas do Brasil. Recife: Instituto Arqueológico Histórico e Geográfico de Pernambuco, 1987, p.13-15).

A par dessa discussão que nos parece superada e, a título de ilustração, temos as

moedas de prata espanholas (real) contramarcadas em virtude do Alvará de 26 de fevereiro de 1643 e da Carta Régia de 22 de novembro de 1652. São os conhecidos carimbos coroados, considerados como moeda brasileira inclusive, eis que circularam também em Portugal. Os valores são: 60 réis (sobre 1 real), 120 réis (sobre 2 reales), 240 réis (sobre 4 reales) e, finalmente, 480 réis (sobre 8 reales). Essas moedas foram contramarcadas nas oficinas monetárias de Salvador, Pernambuco, São Vicente, Maranhão e Rio de Janeiro.

Nesse caso, apesar de serem consideradas moedas pertencentes à coleção brasileira, receberam apenas uma punção (contramarca), ficando bem distantes do processo de fabricação de moedas empregado pelos holandeses, qual seja, a fundição do ouro, transformação em lâmina, corte, pesagem, definição do motivo, cunho...

Assim sendo, nos parece não restar nenhuma dúvida de que as moedas cunhadas pelos holandeses foram as primeiras do gênero a serem cunhadas no Brasil, pelo menos das que se tem notícia.

Moedas *obsidionais* ou de *necessidade*? As moedas cunhadas pelos holandeses no Brasil, geralmente, são denominadas *obsidionais*, ou seja, moedas cunhadas sob cerco de tropas inimigas e com características diferentes das moedas correntes. As moedas de necessidade são aquelas emitidas em momentos de dificuldades financeiras ou de falta de numerário. No caso dos holandeses no Recife, ao que tudo indica, em um momento ou em outro, todas essas características estavam presentes.

Obsidionais ou de *necessidade*, o fato é que são elas todas muito raras. *Cláudio Schroeder*, no Boletim da SNB n° 51, registra 73 exemplares conhecidos das moedas de ouro[1], considerando-se todos os valores. Das moedas de prata de XII soldos (que seriam as mais raras), menciona-se a existência de cinco, a saber: a da antiga *Coleção Meili*, a da *Coleção Silva Ramos*, a leiloada por *Jacques Shulman* de Amsterdam, em 1970 e, finalmente, outras duas, das quais não se conhecem as imagens, do *Museu Nacional de Copenhaguen* (Dinamarca) e da *Universidade de Leiden* (Holanda).

Exemplares falsificados foram registrados já no século XIX, provenientes da Europa. No Brasil, temos o caso da Botija do Rio Formoso, *"achada" em 1967*, que veio a causar prejuízos a muita gente desavisada e avisada também. A literatura sobre o assunto é farta e curiosa.

Em 1981, foi encontrado, próximo à ilha de Itaparica, o galeão holandês *Utrecht*, afundado em 1648 juntamente com a fragata portuguesa Nossa Senhora do Rosário, o que resultou no achado de moedas *obsidionais*, em quantidade não revelada por seus descobridores e que vêm, desde aquela época, aparecendo em leilões internacionais.

O primeiro registro dessas moedas, fora das atas da companhia, aparece no Livro do Tombo do Museu Nacional de Copenhaguen, na Dinamarca, para o ano de 1793. *Kurt Prober* nos informa, com exatidão, que existem na Coleção de

Moedas do Museu Real de Copenhaguen, na Dinamarca, quatro que lá se encontram pelo menos desde 31.12.1793, data em que o arquivista *Jens Jacob Weber* fez, de próprio punho, o registro, na página 235, na Coleção Real de Moedas de Frederick III.

Informa, ainda, que essas quatro moedas, XII - 1645, XII - 1646, VI – 1646 e III – 1646, foram descritas em folheto da *Sra. Af.Kirsten Bendixen,* Chefe da Seção de Numismática daquele Museu em 1971, contendo 7 páginas e com a ilustração de três peças, uma de cada valor, e que a aludida senhora informou ao numismata *João Fernandes Penna*, do Rio de Janeiro, que as moedas em questão foram ofertadas ao *Rei Cristin IV* pelo *Conde de Nassau*, juntamente com uma série de pinturas do Brasil de *Albert Eckhout*, que ainda se encontram no Departamento Etnográfico do Museu.

Figura 2 – Ilustração da moeda de XII soldos de prata, constante da “Histoire Métallique Des XVII Provinces Des Pays-Bas” de Gerard van Loon, publicada, em francês, entre 1732 e 1737.

Em 1726, são publicadas as primeiras imagens das moedas na obra de *Gerard van Lonn*, “História Metálica das XVII Províncias dos Países Baixos”, ou em holandês: *Beschryving der Nederlandsche Historipenningen*, ou ainda em francês *“Histoire Métallique Des XVII Provinces Des Pays-Bas”, publicada entre 1732-37.*

O primeiro registro fotográfico aparece em 1895, na obra de *Julius Meili*, *Die Münzen der Colonie Bresilien* (As Moedas da Colônia do Brasil) 1645-1822, Tabela I.

A emissão de 1645

A primeira referência à necessidade de cunhar moedas no Brasil Holandês se encontra consubstanciada na ata do Alto e Secreto Conselho[2] de 21 de julho de 1645. As razões apontadas eram a escassez de numerário e a necessidade de dinheiro para realizar, entre outras coisas, o pagamento da milícia. Para tanto, haviam tomado a decisão de retirar da caixa do ouro do navio *Zeelandia*, chegado da Costa da Guiné, a quantia de 360 marcos, para com eles cunhar dinheiro ou vendê-los.

A decisão do Alto e Secreto Conselho de cunhar moedas foi tomada na sessão de 18 de agosto de 1645, diante da impossibilidade de obtenção de dinheiro. Já haviam vendido parte dos 360 marcos de ouro e decidiram, com o restante, cunhar moedas, mesmo sem autorização, diante da grande necessidade. Assim foi resolvido que seriam cunhadas moedas quadradas de 3, 6 e 12 florins, tendo em uma face o emblema da Companhia e, na outra, a data. Foi encarregado o *Sr. Pieter Jansen Bas,* membro do Alto e Secreto Conselho e anteriormente ourives, de fiscalizar a

cunhagem.

Estima-se que a cunhagem tenha começado imediatamente, eis que em 14 de setembro foram enviados exemplares de cada um dos valores ao Conselho dos XIX na Holanda, bem como as justificativas para tal procedimento. A cunhagem teria se estendido até o final de setembro.

Vejamos uma interessante notícia veiculada no *Diário* ou *Breve Discurso*, de 1° de outubro de 1645, traduzido por *José Hygino* e citado pelo *Prof. José Antônio Gonçalves de Mello*:

> *"Há alguns dias que os Senhores do Supremo Conselho assentaram de fazer uma nova moeda, e já se cunhou uma grande soma em ouro, de 3, 6 e 12 florins, o que vem muitíssimo a propósito para contentar os militares e outras pessoas. Diz-se também, que serão cunhadas moedas de prata; o tempo o mostrará".* (***in***: Os Ducados Brasileiros de 1645 e 1646 e as moedas obsidionais cunhadas no Recife em 1654. Recife: Separata da Revista do Instituto Arqueológico e Geográfico de Pernambuco, 1976, p.189).

Somente em 10 de outubro de 1645 foi baixada a Instrução pela qual o *Sr. Pieter Jansen Bas* deveria reger-se na cunhagem das moedas para a Companhia das Índias Ocidentais. Vejamos, na íntegra, a tradução dessa instrução realizada pelo *Prof. José Antônio Gonçalves de Mello*:

"Em primeiro lugar, como fiscal da moeda da parte da Companhia das Índias Ocidentais e por ordem dos Nobres Senhores Altos e Secretos Conselheiros no Brasil, deverá mandar cunhar um moeda de ouro quadrada, tendo de um lado o emblema comum da Companhia das Índias Ocidentais e do outro lado em letras a palavra BRASIL e ano 1645. Esta moeda será denominada Ducado Brasileiro e terá três valores, dos quais o valor maior terá 32 peças por marco de peso troy, com tolerância de 1 e ½ engels e será recebido pelo valor de 12 florins, de 40 grossos flamengos o florim, tanto pela Companhia quanto por quem quer que seja, mas somente no Brasil.

"O segundo valor do mesmo Ducado terá, por marco de peso troy, 64 peças, com tolerância de 2 engels de peso troy, e terá curso de 6 florins, de 40 grossos flamengos o florim.

"O terceiro tipo do supracitado Ducado terá 128 peças por marco de peso troy, com tolerância de 2 e ½ engels troy e terá curso a valor de 3 florins, de 40 grossos flamengos o florim.

"O mencionado Ducado Brasileiro com seus valores deverá ser feito do ouro proveniente da Guiné, das Índias Ocidentais ou de qualquer outra procedência, o qual será fornecido para

cunhagem pelos Nobres Senhores Altos e Secretos Conselheiros, pelo que o fiscal da moeda a nenhuma responsabilidade será sujeito pela fatura desse dinheiro, tanto aqui quanto em qualquer outra parte, devendo o dinheiro ser aceito como se apresentar, já que neste pais atualmente nenhuma ferramenta, materiais e outras cousas necessárias aos ensaios podem ser obtidas ou encontradas, e também porque não é possível que variedades diversas e diferentes quilates possam ser transformados em massa da qual se possam obter quilates ou feituras uniformes, de modo que o ouro tal como é lançado no cadinho será transformado em lâminas, e deverá ser cortado e cunhado sem quaisquer outras considerações.

"A perda que houver ficará a cargo dos mestres, mas a responsabilidade por tudo que diz respeito às moedas e ao que ainda vier a ser cunhado será dos Altos e Secretos Conselheiros.

"Pelo trabalho de fazer do ouro bruto a moeda, de tal modo que possa ser aceite, perceberá oito por cento para pagamento de cerca de 14 a 20 trabalhadores que serão necessários ao serviço.

"Ainda ficarão por conta da Companhia todas as despesas com carvão, luz, tiçoeiros e tesouras próprias e tudo o mais que se fizer necessário à cunhagem e respectivo trabalho.

"Também o fiscal da referida moeda fará jus a retribuição ou gratificação a ser estabelecida e fixada dentro de poucos dias, sujeita à concordância e aprovação dos nossos superiores na Pátria.

"Desses foram feitas três vias iguais, por nós, Altos e Secretos Conselheiros, e assinamos aos 10 de outubro de 1645 no Recife de Pernambuco. A. Hamel, A. van Bullestrate, Pieter Jansens Bas" (op. cit., p. 189-191).

Devemos fazer três observações sobre essa ata. A primeira refere-se ao termo "Ducado Brasileiro", que seria o nome "oficial" da moeda, como ficou consignado na ata. A questão é que se trata de uma tradução, o que comporta interpretação, evidentemente. Segundo o Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa, o gentílico *brasileiro* (relativo ao Brasil e aos brasileiros) foi datado pela primeira vez em 1706 na obra de José Soares da Silva intitulada – Gazeta em forma de Carta, Tomo I (1701-1709), Biblioteca Nacional de Lisboa, 1933. O termo anteriormente utilizado, com o mesmo sentido, é *brasiliense*, datado de 1618.

Desta forma, o termo "Ducado Brasileiro", para o Século XVII, significa que a moeda foi cunhada nas terras do Brasil, sob domínio holandês, e não brasileiro na acepção moderna. Também,

pensamos que não deve ser afastada a denominação florim, eis que ela consta diversas vezes na ata.

Outra questão interessante é sobre a qualidade das moedas, mesmo a ata mencionando a ausência de instrumentos e outras dificuldades para a realização da cunhagem, o fato é que essas moedas foram cunhadas por mestres competentes e com bom resultado. A liga de ouro utilizada tem título superior a 20 quilates e, segundo *Gastão Dessart*, "em média o título encontrado tem sido de 22 quilates".

Em relação à quantidade de ouro cunhada, existem apenas estimativas e se supõe que as duas cunhagens (1645 e 1646) sejam aproximadamente equivalentes.

A emissão de 1646

A emissão de 1645 foi insuficiente, tanto que no mês de novembro já havia falta de dinheiro.

No primeiro semestre de 1646, havia falta de víveres, além da escassez de dinheiro. Em 21 de março de 1646, chegaram da Costa da Mina e de São Tomé, em escala no Recife, os navios (do mesmo nome) *Eendracht* da Câmara de Amsterdã e o *Eendracht* de Enkhuisen, com 1604 marcos de ouro (quase 395 quilos). No dia seguinte ficou consignado na ata:

> *"Em conseqüência desta guerra e por tardar o socorro da Pátria, sendo indispensável algum dinheiro de que a Companhia se possa servir, tanto para custeio das fortificações e compra de diversos gêneros, dos quais não se pode prescindir, quanto para prover o soldo de alimentação dos empregados da Companhia e em qualquer emergência podermo-nos socorrer dos armazéns; e, por outro lado, como não conseguimos mais dinheiro a risco para a Companhia, por não termos pau-brasil em depósito; e como a falta de numerário pode acarretar-nos graves dificuldades, resolveu-se, para evitar, na medida do possível, tais dificuldades, especialmente as que possam sobrevir em ocasião inesperada, e que, por meio de dinheiro, possam ser evitadas, retirar da caixa-forte que acaba de chegar da Guiné com o Sr. Ruychaver, para benefício desta conquista, 360 marcos de ouro e verificar, por intermédio dos corretores, o preço por que podem ser vendidos (já que não nos é possível, por falta de cadinhos e do necessário para medidas poder cunhar moedas), para alcançar a melhor oferta possível"* (op. cit. p. 198-199).

Esse ouro retirado dos navios foi todo vendido, não resultando cunhagem.

Em agosto de 1646, uma nova penúria de numerário restou consignada em uma missiva endereçada ao Conselho dos XIX (26 de agosto de 1646). Vejamos:

> *"Não tivemos outra solução senão recorrer ao ouro da Guiné e dele*

retirar, para subsídio de caixa, 405 marcos, dos quais vendemos em leilão 25 a 39 florins a onça e 25 a 40 florins e o restante guardamos com intenção de faze-lo cunhar”. (op. cit. p.199)

O *Prof. José Antônio Gonçalves de Mello,* na obra já citada, deixou consignado sobre a emissão de 1646:

“Com relação a esta emissão de 1646, e ao contrário da de 1645, chegou até nós o registro pormenorizado e as contas desta cunhagem, os quais aqui traduzimos pela primeira vez. Foi encarregado da direção e fiscalização dos trabalhos o ex-Alto Conselheiro Pieter Jansen Bas, servindo-lhe de regimento a mesma “Instrução” de 10 de outubro de 1645, da cunhagem anterior. Os ourives por ele convocados teriam sido os que realizaram o mesmo trabalho um ano antes, e eram: Andries Ketelaer, Hendrick Bruynsvelt, Johannes Courtenius e Pieter Verbeecq. A 27 de agosto Bas recebeu do Tesoureiro Alrichs a primeira quantidade de ouro da Guiné, seguindo-se as demais nas datas abaixo:

1646 agosto 27............... 80 marcos
setembro 5........... 80 “
outubro 4............. 80 “
outubro 12........... 115 “
Total.............................. 355 marcos

Este total corresponde ao que foi retirado, em 25 de agosto, da caixa de ouro da Guiné, isto é, 405 marcos, menos 50 marcos que foram vendidos aos comerciantes do Recife, como ficou indicado antes.
No mesmo dia, 27 de agosto, começou o trabalho de cunhagem; trabalho nada fácil, pela má qualidade e pequena capacidade dos cadinhos...” (op. cit. p. 199-200)

Na obra do *Prof. Antônio Gonçalves de Mello,* existem mais detalhes sobre a cunhagem e sobre os cunhos utilizados, matéria que não será abordada nestas breves linhas.

A quantidade de moedas em relação às duas emissões ainda resta a ser estabelecida, eis que não consta nos documentos oficiais. *Gerard van Loon* estimou em 700 dúzias ou 8.400 moedas, número não aceito pelos estudiosos da matéria. O *Prof. José Antonio* fez uma projeção de mais de 18.000 moedas para os três valores.

A emissão de 1654

No próprio dia da capitulação e entrega do Recife, 26 de janeiro de 1654, a ata da reunião do Alto Governo deixou registrado:

“O Coletor-geral Jacob Alrichs, tendo exposto que a caixa estava totalmente desprovida de dinheiro

e que nem mesmo as dívidas mais pequenas podiam ser pagas, pôs-se em deliberação se não podiam ser cunhadas algumas moedas de prata em obras, com as quais se atendesse a essa emergência [extremiteit] e mais tarde fossem recolhidas. Para isso os Senhores Schonenborch e Haccxs ofereceram-se para entregar a pouca prata da baixela de suas casas, no que não tiveram seguidores. Entretanto, para começar, foram tomadas pelo Coletor-geral, a qual deverá ser entregue ao Sr. Henrik Brunsvelt, que com ela cunhará moedas quadradas, a saber:
uma moeda de 8 engels [= 12gr30 a 12g35] que valerá 2 florins;
uma moeda de 4 engels [= 6gr15 a 6g17] que valerá 1 florim;
uma moeda de 2 engels [= 3gr07 a 3g08] que valerá 10 stuivers[3].” (op. cit. p. 219).

Na ata de 31 de janeiro de 1654, consta que o Mestre de Campo General Francisco Barreto de Menezes mandou suspender os trabalhos, tendo a cunhagem durado apenas seis dias.

Como vimos, os valores autorizados, pela ata, eram 2, 1 e ½ florim, isto é, correspondentes a 40, 20 e 10 *stuivers* ou soldos (*sistema decimal*).

O fato é que, contrariando a ata, o valor que sempre foi considerado como efetivamente cunhado é o de XII *stuivers* (*sistema duodecimal*) ou mesmo florins, já que não se tem certeza se o que se quis fazer foi mesmo uma moeda de 12 *stuivers*, ou peças com um valor apenas representativo do 12 florins de ouro, para que depois pudessem ser resgatadas.

Como disse *Kurt Prober*, durante pelo menos 200 anos só se conhecia um único nominal das moedas de 1654 que era o de XII, ilustrado por *Julius Meili* n° 5, pesando 5 gramas, peça da qual se conheciam 2 ou 3 exemplares, todos batidos com o mesmo cunho.

Disse mais: essa tranquilidade manteve-se até 1870, quando do aparecimento do *“Catalogue Descriptif des Monnaies Obsidinales et de Necessité”*, de autoria de *Prosper Mailliet*, de Bruxelas, na Bélgica.

Realmente, nesse catálogo, *Prosper Mailliet* relaciona, além dos valores tradicionais, 12, 6 e 3 florins de ouro, moedas de prata e até uma de cobre. Vejamos:

“Continuation de la guerre contre les Portugais, em 1654.
*4. **40 sols.** Arg. Catalogue Callenfels, n°364.*
*5. **30 sols.** Arg. Catalogue Munnicks van Cleeff, n°263.*
*6. **20 sols. Cuivre.** Semblable au n°7, mais avec la valeur XX. Catalogue Callenfels, n° 365.*
*7. **12 sols.** Arg. Uniface, carrée. Dans le champ, sous le nombre XII qui indique la valeur, les lettres: GWC entrelacées, Au-dessous, le millésime 1654.Van Loon, t.II, p.369. Duby, pl. XVI, n°8.*

> *8.* ***10 sols.*** *Arg. Catalogue Munnicks van Cleeff, n° 269.»* (*in,* Catalogue Descriptif des Monnaies Obsidinales et de Necessité, Bruxelles, 1870, p. 67-68) (grifo nosso).

Em 1886, desta vez em Paris, aparece sendo leiloada a Coleção de *Mailliet – "Monnaies Obsidionales et de Necessité"*, onde são relacionados apenas dois exemplares destas moedas, um de 6 florins de ouro e um ***"20 soldos de 1654 de cobre".*** Este último provavelmente ele não tenha conseguido "passar" a diante.

Agora, voltando às verdadeiras, para sedimentar a autenticidade da moeda de XII *stuivers*, basta mencionar que somente ela aparece na literatura anterior a 1870, o que consta na monumental obra de *Gerard van Lonn, "Histoire Métallique Des XVII Provinces Des Pays-Bas",* editada pela primeira vez em 1726, em holandês, e reeditada em francês, em 1732-37[4], como já havíamos mencionado. Todas as cinco moedas autênticas de XII possuem o mesmo cunho.

Os demais valores de prata existentes são todos de origem duvidosa, quando não flagrantemente falsas, tanto pelo cunho grosseiro ou pelo valor.

Um bom exemplo disto é a moeda de *"XXXX stuivers"* do Museu Histórico Nacional[5] que insistem em apresentar como verdadeira, poderiam ao menos dizer que esta "sob análise". Em relação a esta moeda, *Kurt Prober* afirma que a mesma veio da *Coleção Pedro Massena* e que foi vendida ao Museu em 1921, ele apresenta esta moeda na Prancha "T" – Falsificações surgidas depois de 1860.

F. A. Varnhagem em seu livro "História das Lutas com os holandeses no Brasil" publicado em Viena em 1871, não faz menção às moedas ditas da série decimal, ilustra as moedas de ouro nos valores de 3, 6 e 12 florins e o 12 *stuivers* de 1654.

Demais componentes do Meio Circulante da época

No território assenhoreado pelos holandeses no Brasil circulavam, além das moedas acima mencionadas, moedas vindas da Holanda, quais sejam, os *florins*, os *soldos* e os *xelins*.

Além dessas moedas, encontramos menção a moedas portuguesas, "os portugueses" de ouro. Vejamos o que nos informa Edgar de Araújo Romero:

> *"Em princípios de 1642, navios chegados de Amsterdã descarregaram avultado número de caixas repletas de moedas de ouro, conhecidas sob o nome de Portugalezas, de D. Manoel e D. João III, de ouro de 23 ¾ de quilate, então ainda em circulação). Pelo desejo do Conselho do XIX, deviam ser postas em circulação com o valor cambial de 75 florins, por peça. Sendo, porém, semelhante valor demasiado alto para o Brasil, e não se achando absolutamente em relação ao preço cotado para as*

pistolas e os 8 reales de prata, o governo recifense fez um reajustamento, baixando as Portugalezas para 60 florins e as pistolas dobrões para 9 florins e 10 soldos'. (***in***: O Meio Circulante no Brasil Holandês. Rio de Janeiro: Anais do Museu Histórico Nacional, Imprensa Nacional, Vol.II, 1940, p.25).

Do texto acima se depreende que os holandeses também faziam uso das moedas de prata provenientes da América Espanhola, *pistolas* e os *8 reales*. Isso era comum, mesmo entre os portugueses. O fato é que a falta de dinheiro amoedado era tanta, que utilizaram todos os meios possíveis para combater a crise monetária e conter uma possível sublevação militar. Em fevereiro de 1645, o Alto Conselho chegou a propor o pagamento de parte do soldo aos oficias e às guarnições *com vinho espanhol* ou em *aguardente*. Fizeram também *empréstimos mercantis* e depois tentaram o reconhecimento desses títulos junto aos Diretores da Companhia.

Assim se constituía o meio circulante da época. Além das moedas cunhadas pelos holandeses, circulavam moedas provenientes da Holanda, moedas portuguesas e espanholas, e ainda outros expedientes úteis que se apresentaram naquele momento.

No tocante às moedas provenientes da Holanda e que circulavam no Brasil, pensamos que uma análise dos achados arqueológicos seria de grande utilidade. Um pouco mais difícil seria o estudo das moedas portuguesas e espanholas que circulavam entre os holandeses, pois essas continuaram a circular naquele território por muito mais tempo que as moedas holandesas.

Figura 3 - Anverso da moeda de 2 stuivers de 1619 – encontrada no Forte Orange em Itamaracá, originária da Província de Overyssel na Holanda.

Conclusão

As emissões holandesas em seu conjunto (*ordens de pagamento*, *ordenanças e moedas obsidionais*) circularam no território do Domínio Holandês e, na maioria das vezes, em períodos de extrema necessidade ou de cerco. Sua utilização em outras áreas poderia ser tomada como alta traição.

No tocante à precariedade do Meio Circulante da época, *F. dos Santos Trigueiros* faz interessantes comentários e transcreve uma passagem do Padre *Antônio Vieira*. Vejamos:

«No Maranhão, o dinheiro praticamente não existia, desempenhando papel de moeda nas trocas o açucar, o cacau e o algodão em fio e em tecido,

motivando a alusão feita pelo Padre Antônio Vieira num sermão da quaresma em 1653 na Cidade de São Luis: "O dinheiro desta terra é pano de algodão e o preço ordinário por que servem os índios, e servirão cada mês, são duas varas deste pano que valem dois tostões. Donde se segue que por menos de sete réis de cobre servirá um índio cada dia"»[6].

Neste mesmo sentido, *Lupércio Gonçalves Ferreira*[7], citando o Prof. José Antônio Gonçalves de Mello no livro "A rendição dos holandeses no Recife", nos traz:

"No Recife consta que a Senhora Schkoppe foi à Casa dos Conselheiros no domingo 8 de fevereiro de 1654, às 8 horas da noite, para dizer que era devedora de grande soma de dinheiro a diversas pessoas e que não aceitaria partir daqui sem primeiro satisfazer os seus credores. E que não tinha meios para fazê-lo, por estar o Governo a dever a seu marido muitos meses de soldo. Além de o soldo ser pago aqui em moeda desvalorizada, pedia que se lhe pagassem seis meses dele no valor do dinheiro da Holanda, e como insistia por isso, o Governo ficou de ver como poderia satisfazê-la, embora "não haja qualquer dinheiro em caixa".

A legislação e os principais documentos dos holandeses, pertinentes a essas emissões, são:

- **Decreto de 1640** - *estabeleceu as ordenanças ou ordens de pagamento, garantidas pelas rendas reais provenientes das arrecadações.*
- **Ata de 21 de julho de 1645** – *O órgão supremo da administração – o Alto e Secreto Conselho toma a decisão de retirar do navio Zeelandia, recentemente chegado da Guiné, a quantia de 360 marcos de ouro, para vender ou cunhar moeda, diante da escassez de numerário para o pagamento da milícia. Resolveram então cunhar moedas de ouro nos valores de 12, 6 e 3 florins (as primeiras moedas cunhadas no Brasil), tendo de um lado o símbolo da companhia e do outro a data, dando-lhes um aumento em torno de 20% a 30% no valor do ouro, sobre as de igual representatividade das cunhadas na Holanda, a fim de que as mesmas não saíssem do país e pudessem ser recolhidas no futuro.*
- **Decisão de 18 de agosto de 1645** – *Do Alto e Secreto Conselho de cunhar moedas. O Conselheiro da Companhia, Pieter Janssen Bas, foi o encarregado da produção das moedas, mediante concessão formal e isento de qualquer acusação futura. Primeiramente, foram cunhados exemplares de cada moeda para serem enviados*

ao Conselho dos XIX na Holanda, cuja remessa foi realizada em 14 de setembro de 1645. Em 10 de outubro de 1645 foi dada a ordem para o início da cunhagem das moedas para circulação local.

- **Instrução de 10 de outubro de 1645** – Instrução pela qual *Sr. Pieter Jansen Bas deveria reger-se na cunhagem das moedas.*
- **Ata de 26 de janeiro de 1654** – Ata da reunião do Alto Governo, autorizando a *cunhagem de moedas de prata de emergência de três valores, X, XX e XXXX soldos.*

Existem bons apontamentos sobre as moedas cunhadas pelos holandeses durante o período da *"Nieuw Holanda"*, principalmente sobre as de ouro. Pouco ou nada existe sobre as *Ordens de Pagamento* e as *Ordenanças.*

Figura 4 - Monograma da W.I.C.

Bibliografia:

- ANGELINI, Cláudio Marcos. ***Os Holandeses no Brasil e as obsidionais.*** São Paulo: texto publicado na página da Revista Acervus Cultura e Arte - Belo Horizonte, MG.
- COLIN, Oswaldo. ***Brasil através da moeda.*** Rio de Janeiro: Centro Cultural Banco do Brasil, 1995, 64p.
- CUHAJ, Geoger S. (editor) ***Standard Catalog of World Paper Money, Specialized Issues, Volume One. East State Street*** – Iola: Kp Books, USA, 2005.
- FERREIRA, Lupércio Gonçalves. ***As primeiras Moedas do Brasil***. Recife: Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico de Pernambuco, 1987.
- GONÇALVES, Cleber Baptista. ***Casa da Moeda do Brasil, 290 anos de história, 1694-1984.*** Rio de Janeiro: Casa da Moedas do Brasil, 1985.
- GONÇALVES, Cleber Baptista. ***Casa da Moeda do Brasil.*** Rio de Janeiro: Casa da Moeda do Brasil, 2 edição, 1989, 937p.
- GONSALVES DE MELLO, José Antônio. ***Os Ducados Brasileiros de 1645 e 1646*** e as moedas obsidionais cunhadas no Recife em 1654. Recife: Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico de Pernambuco, V.48, p.185-227.
- HERKENHOFF, Paulo (organizador). ***O Brasil e os Holandeses 1630-1654***. Rio de Janeiro: GMT Editores Ltda. 1999.
- LISSA, Violo Idolo. ***Catálogo do Papel-Moeda do Brasil 1771-1986.*** Emissões oficiais, bancárias e regionais, Brasília: Ed. Gráfica Brasiliana, 3 edição, 1987.
- MAILLET, Prosper. ***Catalogue descriptif des Monnaies Obsidionales et de Nécessité.*** Bruxelles : 1870.

- MAGALHÃES, Augusto F.R. de. ***Os Bancos Centrais e sua função Reguladora da Moeda e do Crédito.*** Rio de Janeiro: A Casa do Livro. 1971, 487p.
- NETSCHER, P.M. ***Les Hollandais au Brésil, notice historique sur les Pays-Bas et le Brésil au XVII siècle.*** Le Haye (Den Haag): Belinfante Frères, 1853.
- PROBER, Kurt. ***Catálogo de Moedas Brasileiras.*** Rio de Janeiro: 1ª edição, 1960.
- PROBER, Kurt. ***"Obsidionais" As primeiras Moedas do Brasil.*** Rio de Janeiro: Paquetá, Monografias Numismáticas – XIII, 1987.
- RIZZINI, Carlos. ***O Livro, o Jornal e a Tipografia no Brasil, 1500-1822***, com breve estudo geral sobre a informação. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, Ed. fac-similar, 1988.
- SANDRONI, Paulo. (organização e supervisão) ***Novíssimo Dicionário de Economia.*** Editora Best Seller, 1999.
- SANTOS LEITÃO. ***Catálago de moedas brasileiras, de 1943 a 1965.*** Rio de Janeiro: Santos Leitão & Cia. Ltda, 10 edição, 1965, 205p.
- SHOROEDER, Cláudio. ***O Ducado Brasileiro (1645-1646)***, Boletim da SNB, Ed. 51.
- TRIGUEIROS, F. dos Santos. ***Dinheiro no Brasil.*** Rio de Janeiro: Léo Cristiano Editorial, 2ª edição, 1987.
- VAN DER WEE, H. (org.). ***La Banque en Occident.*** Genève: Union Bancaire Privée, Fonds Mercator Anvers, 1994.
- VAN LOON, Gerard. ***Histoire métallique des XVII Provinces des Pays-Bas, depuis l´abdication de Charles Quint jusqu'à la paix de Bade en MDCCXVI.*** La Haya (Den Haag): 1732-1737, 5V.
- VARNHAGEN, Francisco Adolpho de. ***História da Lutas com os Hollandezes no Brazil desde 1624 a 1654.*** Viena: 1871.
- WÄTJEN, Hermann. ***O domínio colonial holandês no Brasil: Um capítulo da história colonial do século XVII.*** Recife: Cia. Ed. de Pernambuco, 2004, p.291-343.

NOTAS

[1] Este número pode ter aumentado.
[2] Denominação oficial do órgão supremo da administração do Domínio Holandês no Brasil.
[3] Alfredo de Carvalho havia traduzido por engano *«tien stuvers»* por doze *stuivers*, ou soldos, enquanto o correto é 10 *stuivers* ou soldos. Gastão Dessart parece ter acompanhado o erro, mas Kurt Prober, apesar de transcrever sua tradução, considera em seus apontamentos 10 *stuivers*.
[4] A primeira parte dessa obra está disponível *on-line* no site da Biblioteca Nacional da Bélgica.
[5] Existe um interessante estudo sobre essa moeda na Revista Brasileira de Arqueologia, Restauração e Conservação, V.1, n°6, p.296-300.
[6] Dinheiro no Brasil. Rio de Janeiro: Léo Christiano Editorial Ltda, 2ª edição, 1987.
[7] As Primeiras Moedas do Brasil. Recife: Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico de Pernambuco, 1987, p.39.

Anexo I - Quadro Geral das Emissões dos holandeses no Brasil

Ordens de Pagamento e Ordenanças

(as primeiras formas assemelhadas ao papel-moeda do Brasil)

Ordens de Pagamento 1636 – 1637

Valores	Quantidade	
(…) florins	indeterminada	Emissão: sem autorização legal, em junho de 1636.
8.000 florins	«	Recolhimento: ainda estavam sendo recolhidos em março de 1637.
10.000 florins	«	Provavelmente manuscritas.
16.000 florins	«	Valores possivelmente definidos
20.000 florins	«	(informações baseadas em documentos da época por
25.000 florins	«	*Hermann Wätjen,* em *O Domínio Colonial Holandês no Brasil*).

Ordenanças 1640 e 1644

Valores	Quantidade	
(...) florins	indeterminada	Emissão: com autorização legal – Decreto de 1640. Provavelmente manuscritas.

Moedas

(as primeiras moedas cunhadas no Brasil)

Florins ou Ducados – cunhados com aumento de 20% a 30% sobre os da Holanda, a fim de que não saíssem do Brasil e pudessem mais tarde ser recolhidos.

1645

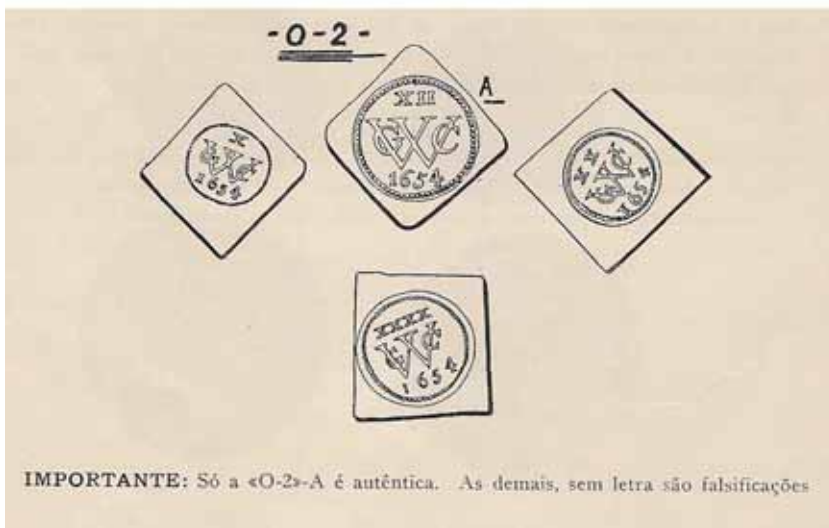
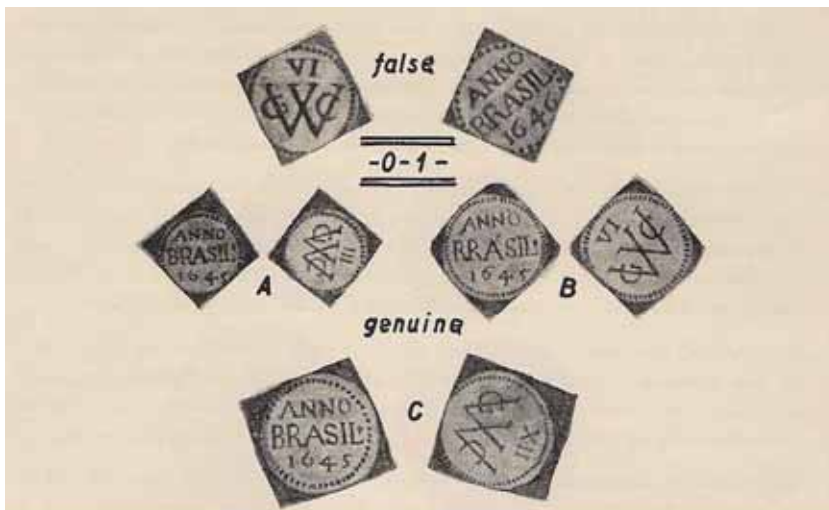
Valores	Peso (oficial)	Quantidade indeterminada
III florins	1,93 a 1,90 grs.	«
VI florins	3,86 a 3,79 grs.	«
XII florins	7,72 a 7,57 grs.	«

1646

Valores		Quantidade indeterminada
III florins	1,93 a 1,90 grs.	«
VI florins	3,86 a 3,79 grs.	«
XII florins	7,72 a 7,57 grs	«

1654

Valor		
XII soldos	5,00 grs.	«

Anexo II - Imagens do Catálogo Kurt Prober – Catálogo de Moedas Brasileiras de 1960

Agradecimentos: Aos colegas da AFSC e em especial a Milton Milazzo Jr, Ernani Santos Rebello e Luis Cláudio Fritzen, ao numismata Alberto Paashaus, à Fundação Joaquim Nabuco, na pessoa do Sr. Lino Madureira e a todos que direta ou indiretamente colaboraram na elaboração deste trabalho.

A Filatelia e o Centenário do Escotismo Brasileiro

Roberto Basso - Chapecó, SC

O ano de 2010 marca o centenário do Movimento Escoteiro no Brasil, apenas três anos após sua criação por Robert Baden-Powell na Inglaterra.

A decisão de implantar no Brasil esse sistema educacional foi tomada na Inglaterra por um grupo de suboficiais da Marinha que pertenciam às guarnições dos navios da Esquadra Brasileira em construção naquele país, no início do século. Em 1907, presenciaram eles o nascimento do Escotismo.

Os navios da nova esquadra navegaram para o Rio de Janeiro à medida que ficavam prontos. Em 17 de abril de 1910, cruzou a Barra da Baía da Guanabara, em sua viagem inaugural, o Encouraçado Minas Gerais, em que estava embarcado o maior número de Suboficiais interessados no Escotismo.

Em 14 de junho de 1910, eles fundaram o Centro de Boys Scouts do Brasil na casa n°13 da Rua do Chichorro, na Cidade do Rio de Janeiro, marcando a chegada do Escotismo ao Brasil[1].

A filatelia valorizou e contribuiu, nestes 100 anos, para o desenvolvimento do escotismo brasileiro, através de inúmeras emissões, que entre selos e blocos, são, no total, onze, sendo a primeira datada de 1954[2].

Além dos selos, inúmeros carimbos comemorativos foram lançados. Um, em especial, chama a atenção por ser considerado o primeiro item da filatelia escoteira do Brasil.

Figura 1 - O carimbo tem forma retangular e, além do veículo, traz a figura de um menino orientando o trânsito, com chapéu de abas largas, bermuda e meias compridas com canhão e lenço no pescoço, adereços esses característicos do Movimento Escoteiro.

Trata-se do carimbo n° 103[3], comemorativo da 1ª Semana de Trânsito

Figura 2

de Fortaleza (CE), o qual teve seu período de aplicação de 11 a 18 de outubro de 1941 e, segundo Zioni[3], sempre na cor roxa. Embora o carimbo não tenha relação direta com o escotismo pelo título de seu lançamento, seu desenho relaciona-o diretamente.

Figura 3

O carimbo tem forma retangular e, além do veículo, traz a figura de um menino orientando o trânsito, com chapéu de abas largas, bermuda e meias compridas com canhão e lenço no pescoço, adereços esses característicos do Movimento Escoteiro.

Mas por que um escoteiro e não um agente de trânsito? A resposta a essa pergunta é uma suposição, já que não encontramos material suficiente para pesquisa. Acreditamos que os valores que o escotismo difunde entre os jovens, como disciplina, cortesia, responsabilidade, lealdade e fraternidade, teriam força para mudar o caos que o trânsito representa. O escoteiro, já naquela época, representava a moralidade.

Após 100 anos, o escotismo se consolida como a maior organização educacional para jovens do mundo.

* O autor é filatelista temático, membro da Associação Filatélica de Santa Catarina (AFSC), e expositor com a coleção “Memories of a scout neckercchief”.

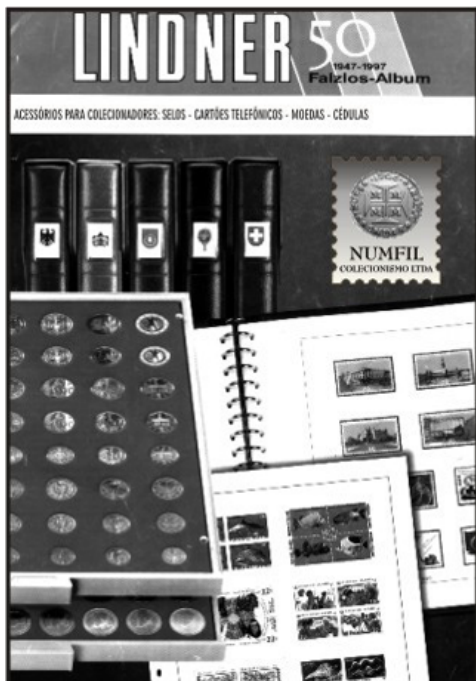
Referências:

[1] *MEMÓRIA ESCOTEIRA, Informativo do Centro Cultural do Movimento Escoteiro, No36 – Set/dez 1999, pg. 3.*

[2] *CATÁLOGO DE SELOS DO BRASIL, 1843 a 7/2007, 56ª ed. São Paulo, RHM 2008, 368 pg.*

[3] *CATÁLOGO A. A. ZIONI DE CARIMBOS POSTAIS COMEMORATIVOS, São Paulo, 1971.*

Agradecimentos especiais pelas imagens: Claudio Neumann (figuras 1 e 2), José Evair Soares de Sá (figura 3) e Hallvard Slettebo, Noruega (figura 4).

Figura 4

Temos interesse em adquirir:

Moedas anômalas (boné, defeito de cunho ou disco).

Material filatélico referente a:
- Mergulho submarino;
- Naufrágios;
- Conchas marinhas;
- Carimbos da cidade de Igaratá - SP (anteriores a 05/12/1969);
- Carimbos da cidade de Conchas - SP (da década de 40 ou anterior).

Celso e Daniela Suzuki

Cx. Postal 20.432 - Kobrasol
CEP 88102-970 - São José, SC
suzuki@floripa.com.br

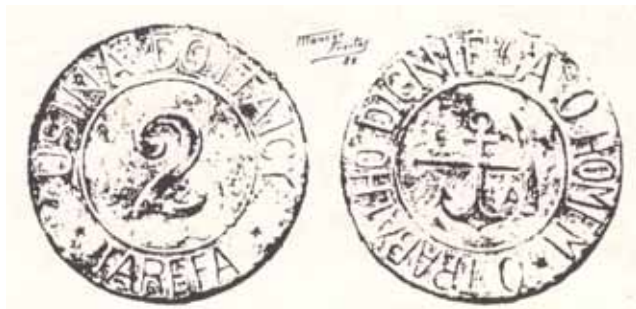
Para anunciar no boletim
Santa Catarina Filatélica:

Página inteira:	R$ 60,00
Meia página:	R$ 40,00
Terço de página:	R$ 30,00
Quarto de página:	R$ 20,00

Próxima edição:
agosto/2010

O Colecionismo depende de todos nós.

As Moedas da Usina do ITAICY – MT

Luis Claudio Fritzen - Florianópolis, SC

São conhecidas várias “moedas particulares” na história monetária brasileira, especialmente do século XIX e início do século XX. Dentre esse extenso rol, chamam a atenção aquelas produzidas pela USINA DO ITAICY, no Mato Grosso.

Destinada à industrialização da cana-de-açúcar, a Usina do Itaicy situava-se às margens do Rio Cuibá, aproximadamente a 40 quilômetros de Santo Antônio do Leverger, e havia sido inaugurada em 1º de setembro de 1897 por Antônio Paes de Barros, conhecido pela alcunha de “Totó Paes”. Seus ancestrais, os irmãos sorocabanos Fernando e Arthur Paes de Barros foram, em 1734, os descobridores de ouro na Chapada de São Francisco Xavier, no “Mato Grosso”, possibilitando a expansão dos domínios portugueses mais a oeste na América do Sul. A produção da usina era de açúcar, aguardente e álcool.

A usina começou a ser edificada em 11 de junho de 1896 e terminada 14 meses depois. Estima-se que cerca de mil operários participaram dessa construção. O maquinário, importado da Alemanha, chegou ao local por transporte fluvial. De 1900 a 1920, Itaicy teve o seu período de

esplendor. Chegou a abrigar uma população perto de cinco mil pessoas e foi o primeiro lugar do Mato Grosso a ter energia elétrica. Tinha uma infraestrutura audaciosa para aqueles tempos, como uma farmácia, capela, escola, armazém de mantimentos, dezenas de casas (em estilo popular padronizado), aulas de música para as crianças e, inclusive, tinha moeda própria, cunhada ali mesmo.

Apesar da "modernidade", exatamente por manter sistema monetário próprio, não escapou de denúncias da manutenção de trabalho análogo ao de escravo, eis que os pagamentos recebidos somente poderiam ser gastos internamente. Isso quer dizer que a circulação da moeda era restrita.

As moedas da Usina do Itaicy foram cunhadas em cobre, com moldes provenientes da Casa da Moeda do Rio de Janeiro. Para produzi-las, adaptou-se uma velha prensa de papel.

Sua unidade monetária era conhecida como "tarefa". São conhecidas três moedas: a de "meia", a de "uma" e a de "duas" tarefas. No anverso, estava escrito "*Usina do Itaicy*" e, no reverso, "*O trabalho dignifica o homem*".

A decadência da Usina do Itaicy teve início na década de 30. Sua produção parou em 1957 e, desde então, ficou abandonada.

A **AFSC** convida para suas reuniões regulares:

Quintas-feiras, a partir das 18 horas
Sábados, a partir das 14 horas

Nossa Sede permanece aberta de segunda a sexta-feira, das 14 às 19 horas.

Incrementando a Coleção Temática
Inteiros Postais

Lucia Milazzo - Florianópolis, SC

Uma boa dica para o colecionador temático que quer ver sua coleção mais interessante é utilizar o documento postal chamado inteiro postal ou "postal stationary" ou ainda "postal de papelaria".

O inteiro postal é definido como uma peça de uso postal – envelope, cartão-postal, bilhete postal, aerograma (memorandum postal), cinta para jornal -, com ou sem ilustração, com ou sem texto, mas com um selo impresso cujo valor facial esteja coerente com a tarifa da época.

Quais são as partes do inteiro que o colecionador deve levar em conta para incrementar sua coleção? Por ordem:

Primeiro: Privilegiar o selo impresso tendo-se em conta o aspecto temático.

Segundo: Na escala de valores, depois privilegiar a ilustração, se houver uma.

Terceiro: É desejável, também, que nos inteiros circulados os carimbos estejam em sintonia com o tema. Às vezes, um carimbo neutro, um datador de agência, diz mais do que um carimbo comemorativo sem relação com o tema abordado.

Em resumo: Os inteiros postais constituem um interessante elemento para todas as coleções temáticas.

Lembre-se de que um inteiro postal é um "selo grande", logo nunca deve ser cortado. A peça perderia seu interesse. Os inteiros também podem ser utilizados novos ou circulados.

Então, boa sorte na escolha de seus inteiros.

Fonte: La Philatélie Thématique. Robert MIGOUX.

Exemplos de inteiros postais:

Em segundo plano:
1970 - Brasil.
Iinteiro postal tipo cartão-postal.
Não circulado.
Carimbos comemorativos e de primeiro dia de circulação.

Em primeiro plano:
1913 - Inglaterra.
Inteiro postal tipo cinta de jornal.
Circulado.

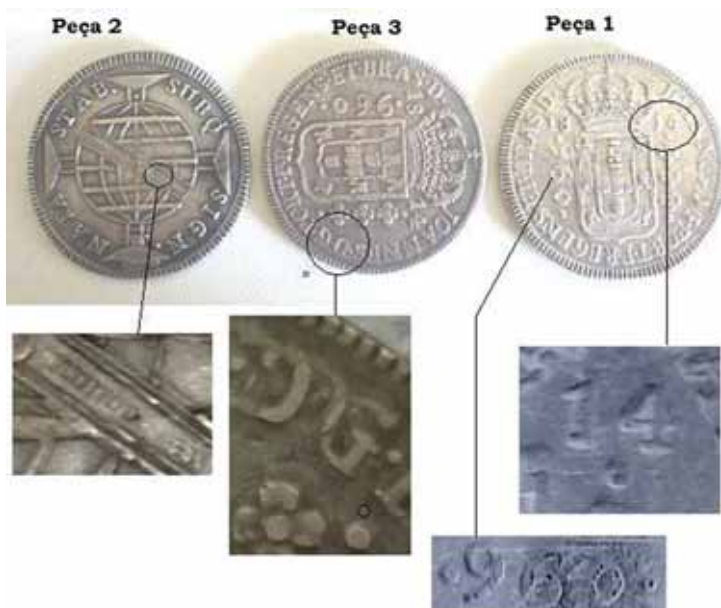
960 Réis
O Recunho da Variante 26(8D) de 1814 B

Paulo Gouveia de Matos - Florianópolis, SC

É comum encontramos essa variante, classificada como dupla batida. No entanto, a observação de algumas peças nos leva a pensar em recunho.

Identificar a variante da base nem sempre é possivel pela análise de uma única peça. Um outro método é usar parte de cada peça que eventualmente se tenha e tentar concluir que recunho poderia ter sido, usando o alinhamento GPN e algum detalhe que possa diferenciar o reverso. Obviamente, é questionável somar informações de peças diferentes e atribui-las a uma única. No entanto, os recunhos só aconteciam quando as peças saiam em más condições, e, na sequência, o cunho era trocado e as peças rebatidas. Isso nos leva a crer que a base advinha de uma única variante.

No caso presente, usamos 3 peças da variante 26(8D) para tentar identificar o recunho. Vejamos pelas figuras abaixo:

1) Na peça 1, percebe-se um 1814 deslocado;
2) Na peça 2, existe um zodíaco linhado embaixo do zodíaco da variante 26(8D);

3) Na peça 3, existem um espaço de 75% de uma letra, no sentido horário, repetindo um "D", e um mínimo deslocamento entre os pontos (base e recunho) do florão de baixo.

Pela peça 1, observamos que se trata da variante de 1814.

A peça 2 nos leva aos reversos linhados de 1814B, que são: variantes 8A, 7C e 6D.

Os alinhamentos das variantes 8A, 7C e 6D são:

Anverso 6: GP+ Pre N
Anverso 7: Gd Pe EN
Anverso 8: P PR N

Conclusão:

Não pode ser o mesmo anverso (existe deslocamento na peça 3), excluída a (8A).

Não pode ser o anverso 7 (o deslocamento da peça 3 é no sentido horário), excluída a (7C).

O único zodíaco linhado restante é o da variante (6D).

O resultado faz sentido. A variante 6D é classificada como RRR, o que nos leva a crer que o reverso dessa variante estava mesmo em más condições, demandando recunho. Hoje a conhecemos como Rara.

Você sabia?...

De 1809 a 1834 foram utilizadas mais de 600 toneladas de prata para produzir os 960 Réis, sendo quase a totalidade comprada à Espanha e suas colônias.

De que é feito um selo postal?

Diego Salcedo - Recife, PE

Neste artigo exploraremos o selo postal a partir de sua tecnicidade, ou seja, do artefato, propriamente dito, com o objetivo de determinar quais são os seus elementos constitutivos. De que um selo postal é feito? O selo postal é formado por duas estruturas distintas e complementares: uma física e outra química.

A primeira diz respeito a um fragmento de papel com duas superfícies (anverso e verso). É no verso do selo que é aplicada a goma[1] para que seja possível fixá-lo à correspondência. No anverso são impressos, por convenção do Estado, os elementos verbo-visuais ou o que denomino *frase-motivo* e *imagem-motivo*. Por sua vez, a estrutura química do selo postal é composta, principalmente, pela goma e pelas tintas.

Figura 1 – Verso e Anverso de um selo postal comemorativo.
Emitido pelos Correios do Brasil em 23.7.1906.
Rememora o 3° Congresso Pan-Americano, ocorrido no Rio de Janeiro.

Por causa dessas características físico-químicas surgiu a nomenclatura, na Inglaterra, em 1840, *adesive postal stamp* (em Português: *selo postal adesivo*), visto que, lá, foi desenvolvido o selo postal com essas especificações, o mesmo que hoje conhecemos e manuseamos. Mostramos a seguir, com mais detalhes, algumas partes constituintes do selo postal.

A) Papel[2] - O selo postal é um fragmento de papel, recortado ou destacado de uma folha de papel, denominada *folha completa*[3], em que vários selos postais são impressos. Não existe um único tipo de papel para imprimir selos postais. Diversos tipos são utilizados para múltiplas situações.

Figura 2 – Um folha completa de selos postais.
Selo emitido no Japão – Série Artesanato. Número no Catálogo Yvert et Tellier: 561.

B) Filigrana[4] - Consiste numa marca inserida na contextura do papel. É conhecida, também, como *marca d'água* ou *linha d'água*. Inúmeras são as possibilidades tipográficas das filigranas: brasões, coroas, efígies, escudos, traços, linhas, letras, frases, expressões, números etc. Do mesmo modo que o papel, a filigrana também nasceu na China antiga. Nos selos brasileiros podemos encontrar até 28 tipos de filigranas. Elas são conhecidas pelo nome, apelido ou letras de classificação. As expressões e termos na descrição são aquelas encontradas na tessitura do selo postal.

É possível ver a filigrana de um selo postal contra a luz ou por meio da utilização do *Filigranoscópio*. Esse é um pequeno recipiente de plástico, retangular de cor preta. Para ver a filigrana com bastante clareza, o selo postal é colocado com o verso virado para cima (ou a estampa virada para baixo) e sobre ele são despejadas algumas gotas de *benzina retificada*. Na figura 3, mostramos o anverso e o verso de um selo brasileiro emitido em 1942, pelos Correios do Brasil. Logo abaixo desse selo, ilustramos o detalhe de uma filigrana brasileira do tipo "M", que é chamada de "Cruz de Cristo".

Figura 3 – Emissão brasileira de 1942. Esse selo faz parte da Série Netinha.
Trata do padrão milréis com traços verdes no verso. Filigrana horizontal.
Número no Catálogo de Selos do Brasil (2008, p. 131): 435.

Figura 4 – Pequeno suporte em que se coloca um selo para verificar a filigrana: *Filigranoscópio*.

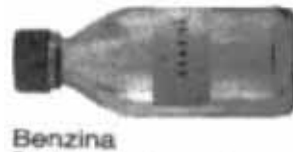



Figura 5 – Pequeno frasco de *Benzina Retificada (produto de uma mistura de hidrocarbonetos)*. Para ver a filigrana basta pingar algumas gotas sobre o verso do selo que está no filigranoscópio.

C) Denteado - Os primeiros selos postais foram emitidos sem picotes, ou seja, tinham que ser recortados com tesouras ou pequenas lâminas. Com o processo de picotagem, que ocorre durante a impressão, por meio de agulhas que perfuram o papel, os selos passaram a ser destacados. As dimensões de picote de um selo postal são medidas por meio do *Odontômetro* que, conforme Salcedo (2008, p. 5) "é um pequeno objeto com formato de uma régua, feito de cartolina, plástico ou metal, onde está gravada (no caso do metal) ou impressa (no caso da cartolina e do plástico) a escala que serve para medir o número de dentes das margens do selo

postal num espaço fixo de 2 cm entre duas linhas". A figura 6 mostra alguns tipos de dentes.

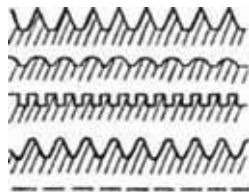



Figura 6 - Alguns tipos possíveis de denteação.

D) Goma - É uma substância adicionada tanto no verso dos selos, depois de impressos, como antes da impressão, no verso das folhas completas. As gomas podem ser de origem vegetal, animal ou química. Servem para aderir o selo postal à correspondência. As gomas mais conhecidas no colecionismo de selos postais são a *arábica* (produto vegetal da *acácia vera)*, a *azul* (utilizadas nos selos brasileiros emitidos em 1866) e as gomas químicas (PVC).

E) Tinta[5] - Um dos maiores problemas das peças filatélicas. As tintas de má qualidade desbotam com a lavagem dos selos. Os primeiros selos postais, na maioria dos países, foram emitidos de forma monocromática (uma cor). Depois de algum tempo, foram impressos em modelos policromáticos (várias cores). As cores formam o componente pictórico, presentificam a materialidade do objeto e constituem parte integrante da manifestação histórico-ideológica do Estado. Você já se perguntou, por exemplo, por que os selos de Estados que adotaram o sistema comunista (China, Vietnam, Cuba etc) emitiam selos postais dando ênfase à cor vermelha? O poder e impacto visual e estético das cores são almejados pelas administrações postais.

F) Dimensões Físicas - Os primeiros selos emitidos em diversos e distintos países têm dimensões parecidas entre si. São pequenos e medem um valor aproximado de 2 x 2,5cm ou 20 x 25mm (por convenção internacional o valor 20 se refere à dimensão horizontal e o valor 25 à dimensão vertical). ao contrário dos selos postais comemorativos que, em grande parte, seguem um padrão de formato quadrangular ou retangular, em diversas e múltiplas medidas. Existem selos postais triangulares, redondos e elípticos, mas esses são a exceção à regra. É importante entender que essa medida inclui o selo inteiro, isto é, a imagem e as margens. Medir o picote ou a denteação é outra coisa.

G) Impressão - É o nome que se dá ao processo técnico pelo qual uma folha completa, em branco, recebe os elementos verbo-visuais, com suas devidas dimensões e obedecendo ao Decreto que autoriza a emissão da peça. Os processos utilizados para imprimir selos postais, no Brasil e em outros países, foram o tipográfico, a rotogravura ou heliogravura, o xilográfico, o talho-doce e o mais moderno, Offset. A identificação do tipo de impressão é um conceito relevante no colecionismo de selos postais.

Referência: SALCEDO, Diego. O que é odontômetro, para que serve e como usá-lo? *FILACAP*, São Paulo, p. 5, 05 mar. 2008.

NOTAS:

1 Existem inúmeros selos postais que foram emitidos sem a goma no verso como, por exemplo, nas emissões da República do Suriname, ex-colônia Holandesa, entre 1873 e 1912 ou nas emissões dos Estados Unidos de 1933 e 1934.

2 Segue uma lista, não exaustiva, de tipos de papel que já foram utilizados na confecção de selos postais: acetinado, avergoado, bastonado, cartolina, cebola, costelado, cuchê, liso, pontinhado, sulfite, laminado.

3 A folha completa é onde são impressos os selos postais. Por muito tempo esse tipo de folha foi adquirido por colecionadores. É permitido comprar as folhas nas agências dos correios para utilização em cartas pessoais ou institucionais. Não, necessariamente, o correio tem que selar uma carta. Mas, apenas ele pode carimbar e remeter ao destino.

4 A filigrana, nascida na China Antiga juntamente com o papel, surgiu por acaso. Num primeiro momento foi utilizada para identificar o fabricante do papel. Muito depois, em terras ocidentais, foi re-utilizada em documentos da nobreza e do clero. Tempos depois, foi adicionada ao papel-moeda, aos bilhetes postais e aos selos postais, sempre com função primeira de dificultar as contrafações. Foi utilizada pela primeira vez no Brasil em 1894. A identificação de filigranas, no início do século XX, tornou-se uma das atividades de maior prestígio no colecionismo de selos postais.

5 É natural que nos primórdios das emissões postais, com recursos gráficos escassos, as estampas ou elementos pictóricos tenham sido monocromáticos. Até que em 1845, na Suíça, foi impresso o primeiro selo postal policromático, assim como no Brasil em 1878.

O Dia da Mãe visto pela Filatelia Portuguesa

Americo Rebelo - Porto, Portugal

Segundo dados de alguns escritores, o *DIA DA MÃE* já se celebra há cerca de 250 anos.

Após várias consultas em enciclopédias, nas bibliotecas, cheguei à conclusão de que o Dia da Mãe já era festejado na Grécia Antiga e em Roma. Os romanos comemoravam o Dia da Mãe em honra de Cibele - a Mãe dos seus Deuses. Os gregos celebravam-no em honra de Réa ***(Nossa Senhora de Fátima)*** - mãe dos Deuses e mulheres Cronos. Em Portugal, o dia era festejado a 8 de Dezembro, mas actualmente é comemorado no primeiro Domingo de Maio, data alusiva a Nossa Senhora de Fátima e, em certas localidades do País, alusiva a Nossa Senhora da Conceição. No século XVII, a Inglaterra celebrava o dia da Mãe no quarto Domingo da Quaresma (ou seja, 40 dias antes da Páscoa, pois esse dia era muito especial para a classe baixa Inglesa - *os criados* -, *q*ue por viverem durante todo o ano com os patrões, tinham esse dia considerado como um dia de folga para poderem visitar suas famílias. À medida que o Cristianismo se espalhou pela Europa passou-se a homenagear a "Igreja Mãe" – a força espiritual que dava vida e protegia do mal. Ao longo dos tempos, a festa da Igreja foi-se confundindo com a celebração do Domingo da Mãe. As pessoas começaram a homenagear tanto suas mães como a Igreja. No ano de 1967, os CTT de Portugal homenagearam as mâes com uma série de quatro selos entitulada ***"CINQUENTENÁRIO DAS APARIÇÕES DE FÁTIMA"***.

Nossa Senhora de Fátima

No ano de 1872, nos Estados Unidos, foi surgerida pela abolicionista e feminista July Ward Howe a dedicação de um dia especial às mães. Houve vários apoiantes dessa ideia, sobretudo porque usariam o evento para chamar a atencão para a crueldade da guerra. O dia dedicado à Mãe seria visto e entendido como um dia dedicado à Paz. A primeira manifestacão às mães, em 1904,

1967 - Série "CINQUENTENÁRIO DAS APARIÇÕES DE FÁTIMA"
***Desenho:** José Pedro Roque*
***Impressão :** Offset na Casa da Moeda*
***Folhas de :** 100 selos (10X10)*
***Papel**: Lustrado **– Denteado :** 11 ½*

teve apoio de milhares de mulheres que se uniram lutando por seus direitos contra a discriminação, a crueldade e os horrores da guerra. Conta a história que os restos mortais da mãe de July Ward Howe foram depositados na Igreja de Grafton, durante um dia, em 10 de Maio de 1907. Ali foi celebrada uma cerimónia especialmente dedicada aos familiares e amigos da família e decidiu-se, então, que aquele dia seria dedicado, também, a todas as mães. Foi a celebracão do Primeiro Dia das Mães. Comenta-se, ainda, que nessa data, uma senhora de nome Jarvis enviou 500 cravos brancos para serem usados na cerimônia por todos, pois as flores simbolizavam as virtudes da maternidade. Depois disso, durante vários anos, a mesma Sr.ª Jarvis, americana e feminista, enviou flores - cerca de 10.000 cravos brancos e vermelhos -, para a Igreja de Grafton. Os cravos vermelhos eram dedicados ***"para todas as mães vivas"*** e os de cor branca eram ***"para todas as mães já desaparecidas"***. Os cravos, hoje, são considerados mundialmente como ***símbolos da pureza, força e resistência das mães.***

Anna Jarvis foi uma personagem que, dia após dia, lutou por melhores condições para todas as mulheres, a ponto de ela e seus apoiantes escreverem a pessoas importantes do governo, pedindo para que houvesse um Dia Da Mãe Nacional, o que para as mães era muito importante, dado que teriam um estatuto de suporte da família e da nação. A Campanha foi tão bem aceita por diversos setores governamentais que, em 1911, o Dia Da Mãe passou a ser comemorado em todos os estados americanos. Mais tarde, no ano de 1914, o Presidente Woodrow declarou oficialmente para toda a nação que o Dia Da Mãe fosse comemorado sempre no segundo Domingo do mês de Maio. A nível mundial, o Dia da Mãe é comemorado em várias datas diferentes mas sempre com muito amor, carinho e respeito por aquela que nos pôs no mundo. Os CTT de Portugal juntaram-se a essa homenagem e emitiram uma série de dois selos no ano de 1956, entitulada ***"DIA DA MAE".***

1956 - Série “DIA DA MÃE”

Desenho: *Jaime Martins Barata*
Impressão : *Offset na Casa da Moeda*
Folhas de : *100 selos (10X10)*
Papel*: Esmalte* **– *Denteado :*** *13 ½*
Circulação: De 8 DEZ 1956 a 1 AGO 1958

O sobrescrito de Primeiro Dia (abaixo) é alusivo ao DIA DA MÂE e foi enviado do Porto para Lisboa no dia 8 DEZ 1956, registrado com o nº 62.163, chegando a Lisboa – Norte a 10 DEZ 1956 (carimbo no verso). Os Carimbos comemorativos que se encontram na parte da frente são relativos ao primeiro dia de circulacão.

Bibliografia:

- Enciclopédia Portugal Contemporâneo das Seleções Readers Digest.
- Dicionários Houais - Sinônimos e Antônimos do Círculo de Leitores.
- Dicionário da Lingua Portuguesa 5 Edição 1982 - Porto Editora.
- Selos e Postais de 2010 - Afinsa Portugal - 25 Edição.
- Pagelas dos CTT de Portugal.
- Apontamentos de artigos retirados da Enciclopédia das Bibliotecas.

A AFSC desenvolve um importante trabalho de divulgação do colecionismo em geral, além da edição deste Boletim Santa Catarina Filatélica. Anualmente, realiza, segundo uma programação estabelecida em conjunto com as demais Associações do Estado de Santa Catarina, o seu tradicional Encontro de Colecionadores.

Todas as publicações e convites para realizações da AFSC são enviados aos sócios, Clubes e Associações congêneres. Há também uma biblioteca especializada à disposição dos associados na Sede da AFSC.

Para suporte aos dispêndios decorrentes das atividades referidas, a AFSC depende principalmente da arrecadação das anuidades pagas por seus associados, que podem ser das seguintes categorias:

Efetivos - residentes na Grande Florianópolis com idade a partir de 18 anos .... R$60,00

Juvenis - com idade inferior a 18 anos .... R$10,00

Correspondentes no Brasil - residentes fora da grande Florianópolis .... R$30,00

Correspondentes no Exterior - residentes fora do Brasil .... US$ 35,00

Associe-se. Remeta à Associação a ficha da página 38, devidamente preenchida, acompanhada de cheque nominal à AFSC, ou de cópia do recibo de depósito na conta corrente 5.049.097-4, agência 5255-8, banco 001- Banco do Brasil.

Ao pagar a anuidade, você terá direito também a um anúncio de texto, gratuito, no site:

www.afsc.org.br

ÍNDICE DE ANUNCIANTES (ordem alfabética)

Associação Filatélica e Numismática de Santa Catarina
Fundada em 6 de Agosto de 1938
Fone/Fax (48) 3222-2748 – Caixa Postal 229
CEP 88010-970 – Florianópolis – SC
www.afsc.org.br

INSCRIÇÃO / ATUALIZAÇÃO DE ASSOCIADO

Nome: ____

Endereço ou Cx. Postal: ________________________________

CEP: __________ Cidade: ____________________ Estado: ________

Telefone: ____________ Profissão: ____________________________

Sexo: __________ Data de nascimento: __________________________

E-mail: ____

COLECÕES / TEMAS DE SEU INTERESSE:

____

____

____

____

____

☐ Sócio Efetivo ☐ Juvenil ☐ Corresp. Brasil ☐ Corresp. Exterior

Data: ____________ Assinatura: ____________________________